

GOVERNO

Lula reitera busca de solução para guerra

Presidente repete que Rússia não tinha direito de invadir Ucrânia, mas diz que paz é possível

» ÁNDREA MALCHER

Com o mote de retorno do Brasil ao mundo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi capa do jornal espanhol *El País* de ontem. Na entrevista ao diário, o chefe do Executivo abordou diversos assuntos, especialmente a posição do Brasil ante a guerra entre Rússia e Ucrânia, o combate ao extremismo no mundo e a destruição de biomas, como a Amazônia.

Lula reiterou a necessidade de que países intercedam pela paz entre russos e ucranianos, colocando o Brasil no centro da mediação. “A primeira coisa que temos de entender é que esta guerra começou porque, há muito tempo, perdeu-se a capacidade de diálogo entre os dirigentes mundiais”, destacou. “A Rússia não tinha o direito de invadir o território ucraniano.”

O presidente admitiu, no entanto, não ter caminhos definidos para que se atinja a paz. “Cada lado quer ganhar e, muitas vezes, uma guerra não precisa de vencedor. É só parar, chegar a um acordo e que todos voltem à normalidade. Creio que é possível”, frisou. “Depois da Segunda Guerra Mundial, a construção da União Europeia é a prova dessa capacidade, da inteligência dos seres humanos. É possível entre Rússia e Ucrânia e, por isso, trato de fazer minha parte.”

Ele ressaltou que vem dialogando com diversos líderes mundiais, citando diretamente os presidentes Xi Jinping, da China; Joe Biden, dos Estados Unidos; Emmanuel Macron, da França; e o chanceler alemão, Olaf Scholz, para tentar colocar um fim ao conflito.

“Acredito que a Europa tem o papel de mediadora, a Europa deveria fazer uma espécie de ‘caminho do meio’, e não

Thomas COEX / AFP



Lula: “Europa deveria fazer uma espécie de ‘caminho do meio’, e não fez. Ela se envolveu muito rapidamente”



Cada lado quer ganhar e, muitas vezes, uma guerra não precisa de vencedor. É só parar, chegar a um acordo e que todos voltem à normalidade”

Luiz Inácio Lula da Silva,
presidente da República

fez. Ela se envolveu muito rapidamente. Acho, então que nós temos de encontrar as pessoas que querem falar sobre a paz. (...) Temos que envolver os países que não estão envolvidos

diretamente ou indiretamente na guerra”, sustentou.

O chefe do Executivo contou que na visita a Scholz, o chanceler pediu que o Brasil enviasse mísseis de tanques comprados na Alemanha para que fossem usados na defesa da Ucrânia. “Disse a Scholz que não ia vender porque, se um míssil é lançado e a Rússia descobre que foi o Brasil que vendeu, o Brasil entra na guerra. E quando se entra, não é possível falar em paz”, argumentou.

Nessa pregação pela paz, Lula defendeu a modernização da Organização das Nações Unidas (ONU), de forma que reflita melhor o contexto geopolítico atual. “Me preocupa que esta guerra esteja vinculada a interesses políticos-eleitorais. Isso já aconteceu outras vezes no mundo, e não acredito que seja justo que haja uma guerra sem que ninguém

esteja construindo a paz”, ressaltou. “Tratarei de fazer isso. Sei que o Brasil ainda não participa do Conselho de Segurança da ONU, mas os países que ocupam esses postos tampouco o fazem. A ONU tem a representação política de 1945. A geopolítica de 1945 não existe mais. É preciso adaptar a ONU a 2023.”

Sobre meio ambiente, Lula lembrou que o Brasil “possui 30 milhões de hectares de terras devastadas” e reafirmou o compromisso assumido durante a campanha de combater desmatamentos e queimadas dos biomas, em especial a Amazônia.

“É importante melhorar nossa produção agrícola para alimentar nosso povo e povos de outros países, mas, sobretudo, cuidar do meio ambiente, das terras indígenas. É uma obrigação moral, ética, política e ambiental.”

“Ele (Bolsonaro) tentou dar golpe”

Na entrevista ao *El País*, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse não ter dúvidas de que o ex-presidente Jair Bolsonaro planejava um golpe de Estado. Para o petista, o ex-chefe do Executivo é um dos responsáveis pelos atos terroristas do 8 de janeiro.

“Não tenho dúvida de que ele tentou dar um golpe. Estamos convencidos de que tudo foi organizado por Bolsonaro e sua equipe”, afirmou. “Vi tudo pela televisão, invadiram o Palácio do Planalto, Congresso Nacional e no Supremo Tribunal Federal. Agora, as pessoas estão presas.”

Indiretamente, Lula citou o ex-ministro da Justiça de Bolsonaro e secretário de Segurança Pública do Distrito Federal na

época, Anderson Torres, para dizer que o governo agora procura saber quem foram os financiadores dos atos golpistas.

“Buscamos, também, os que financiaram, os que pagaram, por exemplo, os ônibus que vieram (a Brasília). Agora, o (ex-)secretário de Segurança de Brasília está na cadeia”, frisou. “(Bolsonaro) É acusado pela morte de mais 300 mil pessoas, porque, das mais de 700 mil que faleceram no Brasil (em decorrência da pandemia da covid-19), ele é responsável pela morte de mais da metade por não ter comprado as vacinas necessárias e por comprar remédios que não servem para nada.”

Questionado se “a democracia estaria a salvo no Brasil”, o presidente argumentou que esse deve ser um valor defendido por

vários países. “Devemos salvar a democracia em todo o mundo, porque também existe a extrema direita na Espanha, em Portugal, na França, na Alemanha... A Espanha sabe o que é o autoritarismo”, enfatizou.

Lula foi questionado, ainda, se estaria cogitando tomar a mesma atitude do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, que recentemente anunciou a candidatura à reeleição. “Não posso pensar nisso agora. Faz só quatro meses que comecei meu mandato”, disse. “O que tenho que fazer agora é entregar ao povo brasileiro um país mais democrático, com uma distribuição melhor de riquezas, com mais educação e mais feliz. É o que tentarei fazer e é o que peço a Deus todos os dias”, concluiu. (AM)

» Comércio com a Argentina

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva conversou ontem, por telefone, com o presidente da Argentina, Alberto Fernández. Por meio das redes sociais, o chefe do Executivo afirmou que a dupla falou sobre a União de Nações Sul-Americanas (Unasul) e o aprofundamento bilateral de comércio entre os países. “De volta ao Brasil, hoje (ontem) no Alvorada, liguei para meu amigo e presidente da Argentina, Alberto Fernández. Falamos sobre a Unasul, as relações fraternas em nosso continente e o aprofundamento do comércio entre nossos países”, escreveu o petista.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

A nova onda iluminista e a regulamentação das big techs

No século XVII, as ideias, os pensamentos e os experimentos científicos que reinventavam o mundo adquiriram grandes proporções. Desde a publicação de *Dom Quixote de La Mancha*, por Miguel de Cervantes, a invenção do romance, em Madri, no ano de 1605, a cortina de um mundo encoberto por ideias preconcebidas e destinos predeterminados havia sido rasgada, tudo estava sendo questionado por intelectuais e pensadores inconformados com os dogmas religiosos e as estruturas feudais. Denis Diderot e D’Alembert, dois intelectuais franceses, resolveram organizar uma grande enciclopédia, publicada entre 1755 e 1772, que reunisse as principais ideias do movimento iluminista, mais ou menos como a Wikipédia hoje, que armazena todo o conhecimento disponível nas redes sociais.

A *Enciclopédia* tinha como elementos norteadores a liberdade individual, comercial, industrial, de pensar, escrever e publicar; oposição clara às ideias religiosas e ao absolutismo político, que eram considerados obstáculos para a liberdade. Buffon (naturalista francês), Jacques Necker (economista e político suíço), Turgot (economista francês), Condorcet (filósofo, matemático e político francês), Rousseau, Voltaire e Montesquieu (principais filósofos do Iluminismo) escreveram verbetes sobre filosofia, política, economia, artes, ciências, educação e o saber em geral.

A publicação da *Enciclopédia* influenciou a mudança no pensamento político e social e proporcionou uma nova visão de mundo para o homem moderno, principalmente a partir da Revolução Francesa de 1789. Em vários momentos, foi proibida, por causa dos ataques à religião e ao absolutismo, além do seu programa de reivindicações sociais, traduzido na famosa Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão aprovada pelos jacobinos na Assembleia Nacional francesa. Não por acaso, em muitos momentos e países, a *Enciclopédia* circulou clandestinamente. Não haveria Revolução Industrial, na Inglaterra, sem a grande onda iluminista que varreu a Europa.

Hoje, vivemos uma espécie de novo Iluminismo: a sociedade do conhecimento. “Os fatores tradicionais de produção — capital, terra e trabalho — deixaram de ser os principais geradores de riqueza e poder na sociedade atual. Na verdade, daqui para a frente, os grandes ganhos de produtividade virão da gestão de um novo fator de produção: o conhecimento”, destaca o professor Marcos Cavalcanti, do Centro de Referência em Inteligência Empresarial, da UFRJ.

Segundo Cavalcanti, a economia do conhecimento deslocou o eixo da riqueza e do desenvolvimento de setores industriais tradicionais, intensivos em mão de obra, matéria-prima e capital, para setores cujos produtos, processos e serviços são intensivos em tecnologia e conhecimento. Mesmo na agricultura e na indústria de bens de consumo e de capital, a competição é cada vez mais baseada na capacidade de transformar informação em conhecimento e conhecimento em decisões e ações de negócio.

Capital social

Assim, o valor dos produtos depende, cada vez mais, do percentual de inovação, tecnologia e inteligência a eles incorporados. Se antes o que gerava riqueza e poder eram os fatores de produção tradicionais — capital, terra e trabalho —, hoje, segundo o Banco Mundial, 64% da riqueza mundial advém do conhecimento. Tais mudanças ocasionam um profundo impacto na economia do país e na vida de milhões de brasileiros. É considerado inovação tudo aquilo que muda o comportamento do mercado, de produtores e consumidores, e gera renda e arrecadação de tributos. Não somente a tecnologia.

É nesse contexto que o PL das Fake News, que regulamenta a atuação das big techs no Brasil, precisa ser debatido. A evolução da internet criou o ambiente adequado ao rápido desenvolvimento das redes sociais digitais, que são instrumentos de comunicação e formação de laços sociais. Mas trata-se, também, de um mecanismo de formação de capital social, em escala sem precedentes, decorrente do uso intenso, espontâneo ou não, das redes digitais pelos cidadãos. Capital social é um conceito desenvolvido pelo sociólogo Pierre Bourdieu, que se refere ao conjunto de recursos sociais que uma pessoa possui e que lhe permite agir e influenciar outras pessoas e instituições.

A discussão sobre as big techs, assim, envolve duas dimensões. A primeira é a produção e difusão de conhecimento, que exige um ambiente de liberdade de expressão, no qual os direitos e garantias individuais estejam assegurados. Essa dimensão polariza o debate sobre as fake news e ofusca a segunda, aqui tratada, que é a apropriação desse capital social pelas grandes redes sociais. Em última instância, as big techs se apropriam e transformam o capital humano em capital propriamente dito, altamente concentrado, sem controle e sem taxaço. Essa é a grande disputa nos bastidores da Câmara para a regulamentação das big techs.

Para a Gracy, o melhor tempo do DF foi quando sua saúde melhorou na UPA de Ceilândia.

Gracy Kelly Machado
Paciente da UPA de Ceilândia e mãe da Jasmyne

Para a Jasmyne, o melhor começa agora.

